

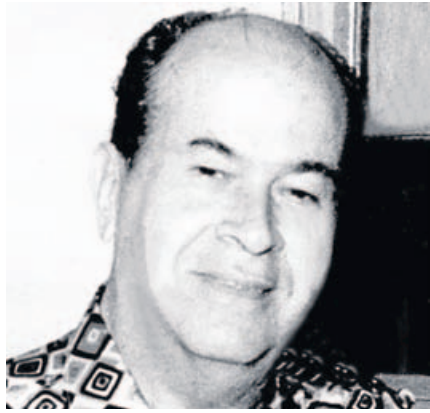
Suplemento Cultural

O eclético Ulisses Serra e a beleza atemporal de *Camalotes e Guavirais*

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor, secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

A data de 13 de outubro de 1971 certamente estava predestinada a entrar para a história não somente como especial efeméride da produção cultural daquele início de década em Campo Grande do então MT uno, mas também como um marco a se refletir na expressão literária de um futuro estado – sim, o livro *Camalotes e Guavirais*, de Ulisses Serra, lançado naquela noite morena de quarta-feira, há 46 anos, e imortalizado através do tempo, é genuinamente uma obra referencial da literatura sul-mato-grossense.

O emblemático livro possui, até agora, três edições: a original (de 1971, Ed. Clássico-Científica), uma outra em 1989 (pelo TJ/MS, Série Historiográfica), e uma mais recente (de 2006, pelo IHGMS - Série 'Banco de Memórias'). E ninguém melhor do que o próprio autor para explicar o porquê do nome desta sua obra, bem como dela evidenciar uma objetiva sinopse: “*Camalotes dos verdes e infundáveis pantanais de Corumbá e guavirais desses dilatados chapadões, eis o motivo do título desta coletânea de crônicas perdidas em revistas e jornais. Evocam pessoas e coisas, árvores, riachos, pedaços de rua, naves de igreja, sussurros do Prosa e do Segredo, que são dolentes confidências que sei interpretar. Tudo se transforma em fragmentos da minha própria alma*”. Ulisses Azul de Almeida Serra, que



ULISSES SERRA - líder fundador da hoje Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

nasceu em Corumbá, em 1º de setembro de 1906, homenageia, portanto, em seu livro, a sua terra natal, e também celebra Campo Grande, cidade para onde se mudou (com os pais) em 1923 – relembra a *Cidade Morena* do seu tempo, com textos como: A Rua 14, Casas de jogo, Trianon Cine, Restaurantes e bares, Árvores da cidade, Padeiro Romântico, e outros.

Com estilo límpido e envolvente, às vezes até irônico ou satírico, Ulisses Serra – que foi cognominado, pelo escritor Elpídio Reis, como o “Machado de Assis de Mato Grosso do Sul” – impregnou natural leveza à linguagem, e dosou com primorosa força telúrica o contexto de seus contos e crônicas. Acerca de uma das principais vias campo-grandenses, Ulisses registrou o seguinte: “*Ao meu tempo de moço, a Rua 14 tinha o leito desnudo e vermelho. Na estação chuvosa, era um tremedal; na estiagem, quando o vento norte soprava*

rumo ao sul, rolavam colunas escarlates, espessas de poeira, tão compactas que não se reconhecia o transeunte da calçada oposta. Só pelo meio dia ia cessando o castigo do pó e do vento. Tudo ficava encardido, marcado pela poeira. Sonhávamos vê-la um dia revestida de asfalto, iluminada, com água e esgoto, regurgitante de gente e de carros...” (in “A Rua 14 do meu tempo”). E relembro a sua infância em Corumbá, ele narra: “*Nossa casa ficava no extremo oriental da cidade, entre muitos terrenos baldios. Do solo duro, pedregoso, emergia uma vegetação espinhosa, de cansação, olho-de-boi, tuna e aromita; de fronde sempre verde, espessa, somente a bela e acolhedora água-pombeira. Na frutificação dos agrestes cansações, vinham e partiam, em algazarra, revoadas de verdes papagaios. Entre nossa casa distante e a cidade, um sulco largo e profundo, transformado em torrente perigosa, no tempo das chuvas, vencido mais tarde por longa ponte, de três altas abóbadas*” (in “O meu algrebre”).

Dezessete dias após o lançamento do seu *Camalotes e Guavirais*, Ulisses Serra – na manhã de 30 de outubro de 1971, em companhia dos amigos/escritores Germano Barros de Souza e José Couto Vieira Pontes – fundou a ‘Academia de Letras e História de Campo Grande’. Nesta ocasião: um sábado festivo, os três intelectuais encontravam-se na ‘Estância Gisele’ (de Ulisses), ainda comemorando o sucesso daquela relevante cerimônia. A primeira Ata desta Academia foi lavrada de próprio punho por Ulisses

Serra, no dia 6/11/1971, às dez horas, na sua casa situada na rua 13 de Maio, Campo Grande. A instalação desta entidade ocorreu em 13 de outubro de 1972, com a sentida ausência de Ulisses, falecido em 30 de junho deste ano, no Rio de Janeiro. Em 1979, com o advento do Estado de MS, a *Academia de Letras e História de Campo Grande* originou a atual Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Oito anos antes de fundar a Academia em Campo Grande, Ulisses Serra, aos 56 anos de idade, foi eleito para a Academia Mato-Grossense de Letras (AML), egrégia instituição que possui dois dos seus ilustres ancestrais como patronos (Ricardo Franco e José Tomaz de Almeida Serra) e que teve seu pai, o poeta Arnaldo Serra, e o seu irmão, Itúrbides Almeida Serra, como membros correspondentes. O imortal Ulisses foi empossado na noite de 8 de abril de 1963, em solenidade que recebeu autoridades e a elite cultural de Cuiabá e região – no evento, fez-lhe a saudação acadêmica o então presidente da AML, Pe. Wanir Delfino Cesar. Uma comitiva do Rotary Club campo-grandense também prestigiou a posse, tendo inclusive o representante/rotariano, Nerone Maiolino, integrado a mesa de honra, ao lado de outras personalidades, como, por exemplo: Dom Orlando Chaves (Arcebispo de Cuiabá), Dom Antônio Barbosa (de Campo Grande), Demóstenes Martins (escritor e então secretário estadual de MT), Prof. Isaac Povoas (à épo-

“

Além de escritor, acadêmico e orador, Ulisses Serra foi perito contador, militante do jornalismo, e político exemplar, tendo também exercido com distinção o tabelionato do 5º Ofício de Campo Grande”

ca, presidente do IHGMT) e outros.

Além de escritor, acadêmico e orador, Ulisses Serra foi perito contador, militante do jornalismo, e político exemplar, tendo também exercido com distinção o tabelionato do 5º Ofício de Campo Grande. Pelo ser humano íntegro que foi, pela retidão do seu caráter – como bem atestam a história e os seus contemporâneos –, por tudo que fez e pela obra que deixou, o autor de *Camalotes e Guavirais* merece as mais justas homenagens. Assim, a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras celebrou, em 2006, o seu Centenário de Nascimento, em sessão solene que aconteceu no auditório da Fiems (Campo Grande-MS), com presença maciça de escritores, familiares do laureado, órgãos da imprensa e convidados. E agora, ainda neste primeiro semestre de 2018, Ulisses será homenageado – na sede da entidade por ele criada (a ASL) – com a inauguração ali do seu busto (oferecido pela família): escultura esta que irradiará sua imagem icônica para a posteridade, confeccionada em bronze, com impressionante originalidade, pelo competente artista Marcos Rezende.

POESIAS

SONETO ATÔMICO

Os Nêutrons, com genial neutralidade,
Dos Prótons eliminam a rebeldia
Que os repele na quântica energia
Do processo da radioatividade.

Nessa onda da mecânica apatia,
Permitem aos Elétrons acuidade,
Pra que em órbita testem a gravidade
Do Átomo, com o Núcleo em sintonia.

Cada micropartícula em movimento
Exerce o seu papel com alegria,
Iniciando a matéria com labor...

Assim, também, o poeta, em pensamento,
Constrói sua bomba atômica poesia
Para explodir no cosmo humano o Amor!

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

CAMPO GRANDE, FLORDO OESTE

Minha Morena, flor do Oeste.
Cantam os ipês vestidos de chita,
numa festa de roxo e amarelo.
Meus olhos passeiam
em suas largas avenidas...
Num bailado de cores,
araras buscam a cidade arborizada.
O pôr-do-sol, vulcão do entardecer,
beija o céu se despedindo
por detrás dos prédios...
Do alto da Afonso Pena
Campo Grande entoa um hino...
A Praça do Rádio faz a seresta,
tudo vibra feito orquestra.
Minha alma anoitece serena...
Dormem José Antônio Pereira,
Baís e Vespasiano,
debruçados na saudade!...

ELIZABETH FONSECA

Poesia... afinal, o que é poesia e para que serve?

*O pensamento ferve, é um turbilhão de lava,
E a palavra pesada abafa a idéia leve.* Olavo Bilac

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

Muitas pessoas perguntam o que é a poesia. Definições existem “ad infinitum”, mas nenhuma atinge o cerne desse obscuro objeto do desejo, exercício de coisas impalpáveis, a que se entregam os poetas, “*insetos de antena, captando sons, imagens e mensagens telepáticas*”, conforme revela Raquel Naveira, uma perseguidora de códigos, que possam explicar a relação do homem com seus demônios e com o universo em que se acha inserido.

Rimbaud dizia que a “*poesia é o desregramento dos sentidos*”. O poeta Emmanuel Marinho que ela é “*suja de som, de sonhos, de sangue e de signos*”.

Rubênio Marcelo afirma que a poesia é o “*graal de nossos corações*” o que transforma a construção poética no vaso sagrado em que está simbolicamente recolhido o sangue dos corações.

Para Manoel de Barros “*poesia é voar fora da asa*”, reino da liberdade, onde se refugiam os que não se sujeitam a esquemas cerceadores de idéias e de sonhos.

Alguém já disse que a poesia é como um ramo de rosas, explica-se por si mesma, tem seu próprio código ao qual só têm acesso os que foram unidos com o poder de criar mundos, valendo-se da palavra.

A poesia é um brinquedo com signos, no qual significante e significado funcionam juntos numa junção provocadora de emoções, reflexões, impressões.

Para que serve a poesia? Segundo Américo Calheiros, “*para nada*”, mas acrescenta que, apesar disso, “*fabrica a poesia das ruas como um operário*”. O mesmo pensam outros criadores desse jogo de metáforas, como Carlos Drummond de Andrade, que confessa “*carregar consigo algo indescritível*”. Para ele, “*poesia é algo de grande responsabilidade*”, o que o leva a não considerar honesto rotular de poeta quem

apenas verceja por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contacto com as forças líricas do mundo, sem se entregar a trabalhos cotidianos e secretos de leitura, contemplação e mesmo de ação.

Nos últimos anos de vida, já quase cego sem poder ler nem escrever, o poeta João Cabral de Melo Neto continuava em grande atividade intelectual, afirmando que sua poesia ainda se encontrava em processo, porque para ele poesia era risco contínuo.

Daí, poder-se concluir que poesia é o resultado de um processo dos mais exaustivos de uma construção, que prevê luta renhida e constante com as palavras para atingir o ponto desejado da perfeição na qual o elemento surpresa precisa estar presente como estrela a cintilar na escuridão da noite.

O poeta Geraldo Ramon Pereira sente a poesia “como o encontro com a beleza divina”, numa aproximação com a eternidade.

Esta é uma das razões que me ligam a determinados poetas, como Manuel Bandeira, que me aconselha a fugir do sofrimento “mas para quê / tanto sofrimento / se lá fora o vento / é um canto na noite?” Ou a Drummond, que suaviza minhas angústias com a certeza de que tudo passa e sempre fica algo para dar sentido à luta cotidiana (“o primeiro amor passou, o segundo amor passou, mas a vida continua”). Ou a João Cabral de Melo Neto, que me incita a viver cada dia “/como uma ave /que vai cada segundo conquistando seu voo.”

Por isso, meus amigos, leiam poesias, cultivem o prazer de deslizar no reino das palavras, que ajudam a retomar a essência da adolescência luminosa. Viajem nas asas da poesia ao país de incertos rios e fronteiras onde residem a paz, a certeza de que vale a pena o desafio de viver... Eterna é a poesia, eternos os pensamentos, eterna a fome de navegar nas ondas da esperança.

A Batina do Vigário

FREI GREGÓRIO DE PROTÁSIO ALVES

No princípio tudo era agreste, porque tudo estava no começo.

Assim foi no mundo de Fátima, hoje bairro Santo André e Monte Líbano, Vila São Bento, Vila Progresso etc.

Outrora cerradão, ponto de pousada de tropeiros e de boiadas em trânsito. Existia inúmeras casas de formigueiros, de cupins... De longe, ao longo da caminhada, apareciam umas casas barreadas e cobertas de sapé.

Os poucos moradores, assim como entravam, saíam das suas precárias residências por trilheiros feitos em zig-zague por casco de cavalo ou carrinho-de-mão.

Bem no fundo do cerradão havia uma chacinha, onde mourejava a família mais instruída do lugar, indicada como orientadora para os que desejassem conseguir algum terreno para morar. Esta família ainda existe, seu sobrenome é Nantes. O frei da paróquia, Frei Gregório, costumava filar bóia nesta casa, assim também lá deixava sua batina surrada e bem empoeirada pelas andanças nas fazendas e chácaras para arrecadar prendas e construir a ma-

triz de Fátima que, até hoje, se ostenta alta-neira e bela que nem garça branca, na rua Flávio de Matos, nº. 537.

Um belo dia, D. Sebastiana, sempre solícita na arrumação das alfaias do altar e respeitosa aos pertences da Igreja, prontificou-se em lavar também a batina do padre. Fez, no quintal, um fogo com lenha do mato. Pós, na vasilha cheia d’água, a batina para a devida limpeza, pois nada melhor, dizia ela, do que água quente para tirar as manchas encrostadas na roupa.

Fazendo outros misteres, esqueceu-se do fogo. Quando viu, secara a água na vasilha e a batina voava em chamas. Encinerou-se.

Foi, então, um Deus-me-acuda da parte da bondosa Sebastiana.

Um grande pesar apoderou-se das fibras do seu amável coração. E agora, José? –Mas nem tudo o que é mal dura sempre.

Corria o ano de 1968 quando então o superior dos capuchinhos, junto do seu secretário, voltava de Roma trazendo a alvissareira notícia de que os padres, daquele dia em diante, podiam andar à paisana. Dona Sebastiana exultou de alegria e disse: “Eu pressenti que haveria mudanças no modo de vestir dos padres. Eu fui a primeira, em Campo Grande, quem viu o vigário de Fátima andar à paisana.”

AS COISAS PERDIDAS

ZORRILLO DE ALMEIDA SOBRINHO

Ao longo da vida a gente vai perdendo objetos, sentimentos, amizades, sem mencionar a perda dos entes queridos que a morte levou. A Bíblia nos fala do Paraíso Perdido.

Proust escreveu um livro notável, composto de vários volumes cujo título abarcando todos eles chama-se “Em busca do Tempo Perdido”.

E muitas, portanto, são as nossas perdas.

Começa quando perdemos a inocência, deixamos de acreditar em Papai Noel, e somos como Adão e Eva, expulsos do paraíso. Uma vez nos acontece perdemos a fé. E essa é uma perda significativa, pois nos separa de nossas amizades e nos leva a ter outra concepção do mundo e da vida.

E continuamos a caminho do amanhã e perdendo o tempo passado.

Quanto animal doméstico de estimação um dia saiu de casa e não mais voltou? Perdeu-se.

Entre os livros queridos, perdidos durante a vida, lembro sempre um missal de papai, de capa preta, e que tinha os textos, lado a lado, em português e latim. As parábolas, em latim, começavam invariavelmente “*In illo tempore...*”.

Quando não havia televisão as crianças se deliciavam vendo livros ilustrados, com belas gravuras, e elas, as crianças, perderam a capacidade e a curiosidade de folhear um belo livro de histórias de fadas.

As lembranças das pessoas queridas um dia, numa mudança, se perderam. E algumas se perderam tanto no tempo quanto no espaço.

Finalmente, a gente começa a perder a memória, e a saúde, o que é bastante preocupante.

O antônimo de perder é achar e há um ditado que diz: “Bom é achar dinheiro em calçada alta” (porque não precisa nem se abaixar).